

MUSICOTERAPIA: PESQUISA E CULTURA UNIVERSITÁRIA

Lydio Roberto Silva

Discutir a questão da pesquisa no âmbito acadêmico é mais do que repensar a própria pesquisa, pois neste momento, marcado por inúmeras tendências e pela pluralidade de informações, o grande desafio está em definir o que é relevante no universo das investigações científicas. Além desses aspectos, parece inevitável que se retomem questões contextuais tais como: os cursos de graduação e pós-graduação em Musicoterapia e suas contribuições na produção do conhecimento científico.

Como ponto de partida, é fundamental que se responda o quê se entende por pesquisa?

De maneira objetiva e simples, pesquisa é uma atitude de investigação presente em todo aquele que procura respostas para suas indagações. E a pesquisa científica? É uma atitude de investigação que, além de buscar respostas visa sistematizar um conhecimento.

Nesta ótica, segundo MENEZES e SILVA (2001, p.19) a pesquisa é "... uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente". Como se vê, a pesquisa requer mais do que um fazer e um refletir temporário, necessita sim, ir além do comportamento indagador e curioso, pois busca a materialização de uma atitude criativa e criteriosa, capaz de interferir sobre a realidade de maneira competente.

Portanto, a pesquisa enquanto atitude deve ser vista sob o ponto de vista da formação acadêmica e de seus desdobramentos. Quando se fala em formação acadêmica, muitas vezes vem à mente o currículo e suas expressões em grades curriculares. Na verdade, o quê deve estar em foco é a cultura acadêmica que fundamenta a vida universitária e, quais os seus níveis de intervenção sobre o social e a própria universidade.

Embora não se possa generalizar, muitas das instituições de ensino superior têm confinado a prática da pesquisa a algumas disciplinas, sobretudo aquelas que carregam em sua denominação o termo pesquisa, como é o caso de Métodos e Técnicas de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa. Este tipo de encaminhamento pode ser prejudicial à formação do futuro profissional, visto que, muitas vezes, dá-se a impressão que o método, a metodologia e os problemas da pesquisa estão relacionados a apenas uma parte da formação, quando na verdade a pesquisa deve estar comprometida com o todo.

A educação contemporânea tem apreço a importância de se produzir conhecimento sob o enfoque científico, isto porque, tal procedimento socializa e democratiza o próprio conhecimento, mesmo que as instituições ainda não procedam desta forma. Em outros termos, quando sistematizado um conhecimento de forma científica, além do uso de normas universalmente acei-

tas, a publicidade que é parte deste processo, garante a difusão e propagação das idéias.

Assim, em relação à formação acadêmica, paira sobre os ambientes universitários a idéia de que a Universidade está em um espaço-tempo delimitado, isto é, em momentos pré-determinados dentro da caminhada estudantil e social de cada cidadão. Esta visão, no mínimo cria hiatos entre a função da Universidade na formação dos profissionais e a função social da Universidade.

É claro que a produção do conhecimento e o preparo de futuros profissionais são básicos, porém, não se pode perder de vista que a Universidade representa também a universalidade, não só no campo do ensino, como também no da extensão e da pesquisa. E se universalidade não estiver voltada para os interesses e necessidades sociais, certamente, seja ao qual for o nível de ação do ensino, da pesquisa ou da extensão, estarão sujeitos aos rótulos de produção efêmera.

Para LAKATOS e MARCONI (1992, p. 43), a pesquisa "significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos". Em consonância com as visões anteriores, a busca das respostas na dimensão da cultura universitária, deve ser uma preocupação do todo da Universidade para apontar soluções para o todo do social. Para melhor compreender, isto quer dizer que, buscar soluções do ponto de vista científico não significa sistematizar um conhecimento para o fortalecimento da Universidade, mas para a sociedade e para a humanidade. Na verdade, o conhecimento deve ser visto como acervo à disposição da cultura humana.

Neste ambiente, vê-se que muitos cursos superiores no Brasil, principalmente os criados nos últimos anos, além de apontarem para novas tendências de comportamento humano e mercado profissional, indicam outras formas de abordagem do conhecimento humano. E embora sejam relativamente novos dentro dos espaços universitários, mesmo que produzam significativamente, também não estão isentos dos equívocos do entendimento da pesquisa, visto que, como já fora mencionado, parte da cultura universitária ainda vê a pesquisa como um momento estanque. O quê demonstra esta realidade, é o fato de que, muitos cursos solicitam trabalhos de pesquisa sob a forma de monografia apenas como conclusão das graduações. E muitas vezes, o estudante passa anos dentro da universidade executando pequenas tarefas como se estivesse realizando pesquisa, mas descobre ao final de sua caminhada acadêmica que, pesquisa científica era algo mais profundo e mais sistematizado.

Por estas razões, cursos relativamente novos no contexto universitário brasileiro, além de nascerem sob as revoluções paradigmáticas de fim e começo de século, devem preocupar-se acima de outros fatos com as próprias perguntas metodológicas de suas produções que são: o quê, para quê, para quem, quando e como estão produzindo. É preciso que pesquisem suas próprias pesquisas. É metapesquisa.

Neste contexto, em especial os cursos de Musicoterapia têm encontrado focos de resistência dentro da cultura acadêmica, porque além das habituais lutas que qualquer curso novo enfrenta, esta nova forma de conhecimento

científico provoca inquietações, gera insegurança e até suspeitas infundadas sobre o valor e relevância da Musicoterapia.

No entanto, deve-se tomar cuidado para que os discursos e as ações não se tornem pouco expressivas, pois a Musicoterapia não precisa provar nada a ninguém, pois é conhecimento científico comprovado e aceito mundialmente. O que precisa ser pensado e reavaliado, são os contextos da formação de musicoterapeutas, as pós-graduações, o problema da relevância da pesquisa e as questões mercadológicas da profissão.

Este panorama, na verdade expressa alguns cuidados que os pesquisadores em Musicoterapia devem atentar: a relevância social da pesquisa, as produções frente à cultura acadêmica e a significância das pesquisas para a própria Musicoterapia.

Sobre o primeiro aspecto, a relevância social da pesquisa, em se tratando de conhecimento, ou uma área científica caracterizada à luz dos paradigmas do século XX e XXI, não se pode admitir que qualquer que seja a produção neste campo, as pesquisas em Musicoterapia não ofereçam uma mínima contribuição social. É preciso acrescentar que quando se fala social, não se está abordando nenhuma dimensão de serviço ou assistência social, mas sim, tudo aquilo que favorece o social como saúde, comportamento, tendências, entre outros.

O segundo aspecto, as produções científicas frente à cultura acadêmica, diz respeito à possibilidade de interpretação dos trabalhos numa ótica multi, inter e transdisciplinar. É quase que inconcebível que se invista energia, tempo e recursos que servirão apenas a uma pequena parcela de profissionais. É preciso pensar na universalidade da aplicação dos conhecimentos, sem que se perca é claro, a especialidade nos tratamentos. Isto quer dizer que, ainda que os assuntos sejam da ordem dos especialistas, é fundamental que sejam vislumbrados numa dimensão mais ampla, geral e ao alcance de todos. Desta forma, a pesquisa estará indo de encontro aos reais propósitos da função social da Universidade que é democratizar o conhecimento.

O último aspecto, a significância das pesquisas para a Musicoterapia, indica que para o aprofundamento e crescimento desta área são fundamentais os investimentos, seja no fomento a pesquisa, seja nos programas, qualificação e especialização de profissionais que atuam tanto nos cursos de graduação como nos de pós-graduação em Musicoterapia. Desta maneira, o intercâmbio entre instituições, a troca de informações e a maior difusão da Musicoterapia através de um esforço coletivo, poderão proporcionar espaços de estudo e trabalho cada vez mais importantes para os musicoterapeutas. Desenvolver pesquisas e estabelecer novos conceitos para a Musicoterapia é fundamental para o crescimento da Ciência como um todo.

Portanto, há que se ter claro que com todos os problemas contextuais do país, das resistências da cultura universitária, das dificuldades e percalços em se fazer pesquisa no Brasil, ainda é preciso repensar e agir unificadamente sobre a formação dos profissionais musicoterapeutas que, além serem profissionais comprometidos com exercício ético de sua profissão, devem ser potencializados para produzir sistematicamente o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCONI, Mariana de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 1992.

MENEZES, Estera M., SILVA, Edna Lúcia da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.